

ESPAÇOS DE CIÊNCIA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO NA DÉCADA DE 1920

ARACI ALVES SANTOS (PG)
araci2004@gmail.com

NADJA PARAENSE DOS SANTOS (PQ)
Programa Pós Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - UFRJ

I- Introdução

No ano de 1922, foi realizada na cidade do Rio de Janeiro a Exposição do Centenário da Independência do Brasil. Além de comemorar os cem anos da Nação brasileira, o evento também foi um importante momento de afirmação da cidade como capital cultural e científica do país. O filme produzido pelo português Silvino Santos¹ durante a Exposição do Centenário, “Terra Encantada” revelava uma cidade moderna com amplas avenidas, pessoas elegantes nos restaurantes e nas ruas, automóveis circulando e um animado jogo de *football*². O filme também mostrava alguns pavilhões e produtos da Exposição. E assim através da Exposição e do Cinema reafirma-se mais uma vez a representação da cidade do Rio de Janeiro como moderna e civilizada e perfeitamente inserida no contexto de Modernidade vigente nos anos 20 do século XX.

A capital também afirmou sua hegemonia cultural e científica através da participação de suas Instituições científicas na Exposição, dentre elas o Jardim Botânico, o Observatório Nacional, o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, o Museu Nacional e o Instituto Manguinhos. Mesmo tendo origens que remontam ao período joanino ou imperial elas foram importantes para a consolidação da imagem da capital como portadora de valores modernos, embasados na Ciência. Durante a Exposição foram criados roteiros científicos-culturais iniciando-se nos pavilhões erguidos na área da Exposição no centro da cidade e depois seguindo para a Zona Norte com a realização de visitas ao Museu Nacional localizado no bairro de São Cristóvão e ao Instituto Oswaldo Cruz localizado em Manguinhos. Em outro eixo seguia-se para o Jardim Botânico localizado na Zona Sul. As visitas à essas instituições faziam parte dos programas dos congressos e reafirmando o status de capital moderna da cidade. Geralmente esses espaços preparavam-se para receber os congressistas organizando palestras muitas vezes dadas pelos diretores da Instituição, como por exemplo, o Dr. Carlos Chagas no Instituto Manguinhos quando recebeu os congressistas do Congresso Nacional dos Práticos. Já no Jardim Botânico os congressistas foram recebidos pelo professor Antonio Pacheco Leão.

Com isso pretendemos demonstrar que os espaços institucionais de ciência da cidade do Rio de Janeiro foram utilizados durante a Exposição do Centenário no intuito de apresentarem para a comunidade científica nacional e internacional uma capital moderna onde se produzia ciência para o progresso da Nação.

II- Instituições em Exposição

O Museu Nacional presente na vida científica do Brasil desde os tempos coloniais, ainda como Casa dos Pássaros tinha uma tradição em participar de Exposições, tanto nacionais quanto internacionais. Na Exposição do Centenário participou realizando mostras e enviando representantes para os congressos. A Comissão Executiva permitiu que o Museu

participasse fazendo sua exposição no próprio palácio na Quinta da Boa Vista (onde o Museu funcionava desde julho de 1892) com entrada gratuita para o público (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIO INTERIORES, p. 28). Assim durante o ano de 1922 recebeu um público expressivo, sobretudo no mês de setembro (Quadro 1). Além do público em geral foram acrescentadas das visitas organizadas pelas comissões dos congressos realizados durante a Exposição, que incluíam o Museu como um atrativo histórico-cultural e também de cunho científico.

Mês	Público
Janeiro	11.706
Fevereiro	7.935
Março	11.815
Abril	10.887
Maiο	11.071
Junho	10.654
Julho	12.114
Agosto	1.459
Setembro	43.979
Outubro	10.846
Novembro	11.257
Dezembro	11.868

Quadro 1 – Números de visitantes do Museu Nacional em 1922
Fonte: Relatório do Ministério da Agricultura, 1922.

O Museu Nacional apresentou uma coleção de mapas murais abrangendo toda a História Natural do país, com o intuito que pudesse servir como material pedagógico para os estabelecimentos de Ensino. Além disso, organizou uma Coleção Didática para servir de modelo ao ensino de História Natural nos cursos secundários. Todas as seções do Museu apresentaram mostras específicas de suas áreas. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIO INTERIORES – 1922-1923, p. 459, 460).

O Jardim Botânico apresentou coleções de plantas vivas e secas, representantes do valor econômico das nossas florestas; coleções de madeira de lei mais importantes de cada estado, acompanhadas de quadros demonstrativos; coleções de madeira de eucaliptos e quadros demonstrativos das principais moléstias e pragas da nossa silvicultura e os meios usados para combatê-las (Idem, p. 465.)

O Observatório Nacional foi criado durante o primeiro reinado em 15 de outubro de 1827 pelo Imperador D. Pedro I. Funcionou no torreão da Escola Militar no Largo de São Francisco até o ano de 1845, quando se tornou Imperial Observatório do Rio de Janeiro. Além de reorganizá-lo, o professor francês Eugênio Fernando Soulier de Sauve (? – 1850) que foi o primeiro diretor, iniciou a transferência do mesmo para o Morro do Castelo. Em 1910 foram

iniciadas as obras da nova sede e em 1922 o Observatório foi transferido para o Morro São Januário no bairro de São Cristóvão.

A participação do Observatório Nacional na Exposição do Centenário reflete o grau de envolvimento da Instituição com pesquisas e divulgação científica ao longo dos anos. Assim é descrita a apresentação da Instituição no Livro de Ouro:

O observatório astronômico Nacional está representado nesta sala por vários gráficos e instrumentos, dentre os quais se destaca, pelo seu máximo interesse, a grande luneta meridiana construída por Bollond em Londres no ano de 1849, e que serviu até 1921 na determinação da hora na Capital Federal. (RIO DE JANEIRO, 1923, p. 342).

O Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) participou da exposição realizando mostras tanto em sua sede em Manguinhos quanto na área da Exposição. A matéria publicada no dia 05 de novembro no *Jornal do Commercio*, intitulada “A Saúde Pública na Exposição” anuncia e elogia a participação do Departamento que recentemente havia sido reformado pelo Dr. Carlos Chagas. A nota revelava que “Essa propaganda está ao alcance de todos e faz-se por meio de diagramas, gráficos, quadros, fotografias e dados estatísticos” (*JORNAL DO COMMERCIO*, 05 de novembro de 1922).

Desta maneira percebemos que a Exposição fora utilizada pelos membros do DNSP para levar conhecimentos e conselhos sanitários para a população, além de expor o resultado dos trabalhos realizados. O texto também mencionava que a mostra da Saúde Pública estava distribuída de forma ampla nas galerias do Palácio das Festas e que a parte restante estaria no Instituto Oswaldo Cruz que também inaugurou uma exposição no mesmo dia e horário. Todas as dependências se faziam representar principalmente as seções das Inspetorias de Profilaxia da Tuberculose, da Lepra e Doenças Venéreas, da Higiene Infantil e a mostra realizada por elas: “prende a atenção do visitante, que, sem sentir, recebe noções do nosso estado sanitário e é obrigado a interessar-se pela questão das moléstias evitáveis, que tanto prejudicam a saúde” (*Idem*).

Como ressaltamos anteriormente as Instituições científicas realizaram mostras e também foram exibidas como itens da Exposição. Elas estiveram abertas ao público em geral e a um público específico participante dos Congressos e Conferências realizados no âmbito da Exposição. A maioria dos congressos foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 1922 e procuraram reunir profissionais dos diversos estados brasileiros. Também tiveram em comum as excursões e visitas feitas às Instituições científicas, consideradas modelo da época, como o Instituto Oswaldo Cruz, o Jardim Botânico e o Museu Nacional. Bem como, visitas aos atrativos naturais e culturais da cidade do Rio de Janeiro como o Pão de Açúcar, o Corcovado e a Ilha Fiscal.

No Congresso de Farmácia, por exemplo, foi realizada uma visita ao Jardim Botânico na manhã do dia 13 de outubro, os congressistas foram recebidos pelo professor e diretor da Instituição, Antonio Pacheco Leão. Durante o passeio foi possível observar as espécies da flora brasileira e mundial. Os participantes também tiveram a oportunidade de conhecer o Instituto de Química³ no próprio local.

O Instituto Oswaldo Cruz foi visitado pelos congressistas no dia 16 e três dias depois foi a vez do Museu Nacional. No entanto, esta última visita agendada ficou prejudicada devido à ausência de funcionários superiores para autorizar o acesso às coleções do Museu. Além disso, os congressistas não puderam assinar o livro de registros, visto que o

mesmo estava na secretaria que se encontrava fechada (CONGRESSO BRASILEIRO DE FARMÁCIA, 1922, p. 476).

Ocorreram visitas dos congressistas aos serviços de profilaxia do DNSP e ao Instituto Oswaldo Cruz, onde o Dr. Carlos Chagas realizou a conferência “Moléstia de Chagas”, apresentando pessoas doentes que foram trazidas de Minas Gerais para documentar a sua exposição (RIO DE JANEIRO, 1923).

Também houve visitas à Casa de Santa Ignez, localizada na Gávea - um abrigo fundado pela primeira dama, Mary Pessoa e um grupo de senhoras, com o fim de receber e tratar as moças solteiras com tuberculose (Idem p. 468).

III- Conclusões

Percebemos que as principais Instituições científicas da cidade do Rio de Janeiro, criadas durante os períodos joanino e imperial, foram utilizadas durante a Exposição do Centenário no intuito de apresentarem para o público em geral e principalmente para a comunidade científica nacional e internacional uma capital moderna onde se produzia ciência para o progresso da Nação. Vimos também uma relação entre a realização dos congressos científicos e as visitas à essas Instituições como uma forma de associá-las ao grau de desenvolvimentos nos adquiridos nos cem anos de Nação.

IV- Notas

1. Silvino Simões Santos Silva (1886- 1970) ganhou medalha de ouro na Exposição com o documentário “No paiz das Amazonas” de 1922. <http://www.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> acessado em 10/03/2010

2. Lembrando que o futebol era um esporte de origem inglesa e no início do século XX era um esporte de elite, considerado elegante.

3. Esse Instituto foi criado em janeiro de 1918 a partir da atuação do Dr. Mario Saraiva que transformou um pequeno posto de análise laboratorial do Laboratório de Fiscalização da Defesa Manteiga no Instituto. Destinava-se a realização de pesquisas de que interessassem à agricultura, à indústria e à pecuária; b) produção de análises e estudos químicos para fins comerciais, particulares e dos Governos Estaduais e Municipais; c) ensino da química para a formação de técnicos; d) estudo das forragens sob o ponto de vista científico; e) fiscalização da manteiga, fiscalização de adubos, inseticidas e fungicidas (<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/cgi-bin/wxis.exe/iah>), acessado em 25/10/2010.

V- Referências

ACTAS E TRABALHOS DO CONGRESSO NACIONAL DOS PRÁTICOS. Imprensa Nacional (Publicações Científicas). Rio de Janeiro, 1923.

AZEVEDO, A. N. **Da Monarquia à República : um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906.** Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **Representações do Brasil Moderno para ler, ver e ouvir no circuito dos Museus Comerciais europeus, 1906 a 1908.** *História*, Franca, v. 26, n. 2, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acessado em 20 de março de 2010.

CONGRESSO BRASILEIRO DE FARMÁCIA. Livro do Primeiro Congresso Brasileiro de Farmácia. O Congresso, Rio de Janeiro, 1923.

- DANTAS, R., SANTOS. N. P. **Um Museu a Serviço das Ciências e do Império: a participação do Museu Nacional na Exposição Universal de Paris em 1889.** *Livro de anais do Scientiarum História II: Encontro Luso-Brasileiro de História da Ciência*, HCTE/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, **2009**.
- JORNAL DO BRASIL – junho a novembro de 1922. Rio de Janeiro, **1922**.
- JORNAL DO COMMERCIO - junho a novembro de 1922. Rio de Janeiro, **1922**.
- KESSEL, C. **A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio.** Secretaria das Culturas, Departamento geral de Documentação e Informação Cultural/Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. **2001**.
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIO INTERIORES. **Relatório dos Trabalhos - Exposição Internacional do Centenário.** Volumes 1 e 2, Rio de Janeiro, **1922-1923**.
- RIO DE JANEIRO. **O livro de ouro - Comemorativo do Centenário da Independência e da Exposição Internacional de 1922.** Anais do Conselho Municipal, Editora Anuário do Brasil/Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, **1923**.